de num mundo de ambiguidades e distrações" (Michael J. Christensen, p. 7). À parte um artigo, nada escreveu sobre este tema, dado que o livro que apresentamos não foi escrito por ele, mas, a título póstumo, por dois dos estudantes por ele orientados (Michael J. Christensen e Rebecca J. Laird).

O livro espelha e condensa a sabedoria e ensinamentos deste escritor, sacerdote e guia espiritual. Ou, como se diz no subtítulo, oferece a sabedoria para percorrer o longo caminho da fé.

O livro organiza-se em três grandes partes:

I. *Contemplar o coração e com o coração* (uma disciplina do coração pela introspeção e pela oração contemplativa). A tarefa não é fácil, em virtude dos nossos medos e inseguranças, mas é possível;

II. *Procurar Deus no livro* é a segunda disciplina essencial no acompanhamento espiritual. A *lectio divina* – leitura sagrada das Escrituras e de outros textos espirituais – é essencial neste processo;

III. *Olhar os outros em comunidade* é a terceira disciplina ou chave para o acompanhamento espiritual. A liturgia e o desenvolvimento do ano litúrgico são os dois caminhos privilegiados neste processo.

São dez, ao todo, as questões universais para a vivência da vida espiritual. "As questões são apoiadas por parábolas, narrativas pessoais e reflexões bíblicas, pois essa foi a forma como Henri estruturou as suas aulas e retiros de acompanhamento e formação espiritual. Ele contava parábolas curtas, mas incisivas, colocava questões fundamentais e intemporais, selecionava e meditava sobretudo sobre os textos dos Evangelhos, identificava incontáveis disciplinas e imperativos espirituais e recomendava vias específicas para aprofundar a fé" (Michael J. Christensen, p. 11).

Para além da parte teórica e reflexiva sobre cada um dos temas ou questões, o livro apresenta exercícios para acompanhamento espiritual e pistas de reflexão. Deste modo, se afirma como um livro pedagógico, com objectivos muito claros e procedimentos bem definidos e estruturados.

Apresenta ainda dois anexos de grande utilidade em torno da utilidade das parábolas de H. Nouwen e de como encontrar um diretor espiritual.

Num tempo em que o acompanhamento espiritual conhece uma crise acentuada, eis um excelente contributo para que se possa refletir sobre esta dimensão importante da vida espiritual.

João Alberto Correia

RELIGIÃO / RELIGIÕES

Borou, José Luis Vázquez – *100 perguntas sobre El Hinduismo*, Madrid: San Pablo 2015, 23c0x160, ISBN

Esta é uma obra que se lê facilmente e muito pedagógica, no bom e eficaz estilo da pergunta e resposta.

Como se deduz pelo título, são cem as perguntas lançadas, cada uma focando um aspeto do hinduísmo, sendo que no somatório das perguntas e consequentes respostas fica dito o essencial sobre essa "religião".

As perguntas, entretanto, agrupam-se, obedecendo a uma lógica.

As primeiras – e consequentes respostas – falam de como surgiu o hinduísmo, do palco onde ele se desenvolveu, do fundador, da civilização védica.

Um outro bloco de questões e elucidações versa a doutrina, ou seja, as crenças, o *yoga* e a ética. Fala-se aí do *dharma* (lei que mantém a ordem do mundo), *karma* (balan-

ço da nossa vida), *samsara* (transmigração das almas), *ahimsa* (não-violência) … Diz-se o que é o *yoga*, possível caminho para se chegar ao Brahma. Por fim, elencam-se os ideais da ética hindu.

O terceiro capítulo, agrupamento de outra série de perguntas e respostas, aborda os livros sagrados. Sabemos que os principais são os Vedas. Mas existem outros escritos, como os famosos *Upanishads* (ensinamentos colhidos junto dos mestres), ou os poemas épicos (Mahabharata, Bhagavadgita, Ramayana)…

Serve o capítulo seguinte para agrupar as perguntas e respostas referentes aos mitos, às festas e aos ritos. E assim vão aparecendo alusões às origens e fim do mundo, ao caráter sagrado da vaca…; também às divindades (dos "trinta mil deuses" caminha-se para o Absoluto ou realidade suprema que se desdobra numa Trimurti – Brahma, Vishnu e Shiva); ainda aos sete rios do hinduísmo (sendo o Ganges certamente o mais conhecido), às cidades (sobressai Benares) e montanhas sagradas (Himalaya, monte Kailas); das festas, sublinham-se a Mahashivararati (a criação a unir-se e a louvar o deus Shiva) e a Naba Barsha (entrada no ano novo); no setor dos ritos sublinha-se a importância das mandalas (instrumentos de meditação e oração); seguem-se comentários à sacralidade dos alimentos, aos templos hindus e modo como estes se constroem…

A obra que trazemos em apreço prossegue falando de religiões afins ao hinduísmo, das correntes místicas que o hinduísmo inspira e, ainda, de novos movimentos religiosos surgidos no seio do hinduísmo.

Nem sempre é fácil, a um europeu ocidental, adentrar-se na cultura oriental, concretamente na religiosa. A transposição de conceitos, a compreensão de uma mentalidade tão diversa da nossa, os nomes tão díspares dos nossos e tão difíceis de pronunciar… tudo isso complica o nosso acesso ao "mundo outro" do lado de lá. Ora este livro, sendo claro na linguagem, decifrando muito bem os termos, as palavras, os conceitos, juntando até no fim um "vocabulário", é, sem dúvida um ótimo contributo, uma excelente ajuda ao conhecimento dessa grande religião eu é o hinduísmo.

Paulo Abreu

Nicolas Steeves, *Grâce à l'imagination. Intégrer l'imagination en théologie fondamentale*, Paris: Cerf, col. Cogitatio Fidei 299, 2016, ISBN 978-2-204-10774-7, 454pp.

Estamos perante um excelente estudo sobre um tema pouco frequente em teologia: a imaginação. Isso não significa, como se pode verificar pelo estudo, que seja um tema menor. O propósito é simples e claro: explorar a possibilidade e a necessidade de fazer da imaginação um assunto significativo no interior da teologia fundamental. Aí, a questão em análise será relacionada com as questões da revelação e da fé, mas também com a questão da epistemologia teológica – contexto em que, tradicionalmente, a filosofia coloca precisamente o tratamento do tópico da imaginação.

Para atingir esse propósito, o autor – jesuíta que atualmente ensina na Universidade Gregoriana – divide o percurso em três grandes partes: numa primeira, estuda os prolegómenos da questão, apoiando-se na filosofia e na Escritura; numa segunda parte, organiza uma proposta especificamente teológico-fundamental, explorando o lugar da imaginação na relação com a revelação, com a fé e com a cultura; numa